

1. QUEM É O ALUNO DA ESCOLA NOTURNA?

*Elisabeth da Fonseca Guimarães**

Este artigo tenciona o tom de uma conclusão. Não que queiramos fechar a questão sobre o que chamaríamos de "perfil do aluno trabalhador" de Uberlândia, pois, como representativo de um grupo social, este perfil guarda em si uma riqueza inesgotável, impossível de se transpor a estas poucas páginas. O ponto de partida de nossa análise será a situação de carência que marca a vida deste grupo e que se evidencia nas mais variadas situações do cotidiano. Esta carência, acreditamos, será significativa para que possamos compreender as possibilidades deste jovem, enquanto ser histórico, capaz de transformar a realidade. Outras questões também compõem este texto, como a posição do aluno em relação ao futuro e a atuação das lideranças estudantis.

Reconhecemos a parcialidade desta abordagem. Ainda que procuremos relevar pontos caros à experiência cotidiana desses jovens, ela é insuficiente para apreender todos eles. Não é nossa intenção dar conta da totalidade. A proposta deste estudo é contribuir para uma maior compreensão da realidade social, a partir do conhecimento de um grupo: o aluno da Escola Noturna de Uberlândia. Acreditamos nas semelhanças desse grupo com alunos de outras cidades brasileiras do mesmo porte, o que pode dilatar os limites dessa abordagem.

1.1. Um ser carente

O aluno da Escola Noturna é um ser carente. De uma carência que pode ser entendida a partir do significado amplo da palavra "falta, ausência, privação"¹ e que se manifesta nas inúmeras facetas de seu cotidiano. A decisão de atribuir-lhe este adjetivo partiu de nossa convivência profissional e das relações que travamos com o próprio aluno e com aqueles que trabalham no período da noite. Mas à carência ampla cabem restrições, já que seria impossível alguém sobreviver sob este estado. Decidimos, então, delimitá-la a três aspectos que consideramos marcantes: o material, o afetivo e o participativo. Abrimos, então, um espaço para discutir cada um deles.

Carência material é aquela perceptível à primeira vista. O próprio aluno está consciente dessa privação e fala dela sem dificuldade:

"Tem muito aí que é filho de papai. Tem condição de comprar um livro. O que a gente ganha tem que ajudar em casa. Tem que comprar roupa, vestir bem, se alimentar..."

* Professora de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

1. FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Novo dicionário Aurélio*. 2 ed. Rio de Janeiro, 1986, p.352.

Concentrando nossa análise apenas nos limites da escola, esta característica se torna palpável mediante a própria apresentação de nosso investigado. A simplicidade dos trajés, a precariedade do material escolar, a preocupação com a possibilidade de lhe cortarem a merenda (o que faz com que a função primeira da escola se desloque para o lanche) denotam o quanto é difícil para ele garantir um mínimo de condições materiais necessárias a sua sobrevivência; a manutenção dos estudos, então, nem se fala. Qualquer tipo de recurso material que a escola venha a lhe solicitar deve ser visto com cautela.

"A coisa mais difícil é você conseguir uma gravurinha pra pregar no caderno do aluno noturno."

Foi o que nos revelou Maria das Graças, professora de Geografia, que ilustra suas aulas com recortes de revistas. Difícil também é conseguir que ele se apresente em sala de aula com o material escolar completo ou que colabore com qualquer quantia em dinheiro. Sobre esta prática tão comum à sobrevivência das Escolas Estaduais, uma professora nos falou:

"Quando eu peço contribuição para a Caixa Escolar, eles dizem:

- Ah! Vânia, você precisa ver o tanto que a gente está pobre!

Eu falo:

- Que nada!

Eles dizem:

- Vem atrás da gente pra ver que casinha que a gente mora. Então, é um pessoal muito sacrificado, muito sofrido"

A carência material é marcante na vida desse jovem. Ainda que nossa análise tenha sido feita nos limites do espaço escolar, sem a pretensão de avançar em direção a indicadores mais complexos, que nos forneceria medidas precisas do nível sócio-econômico² desse grupo, não há como descartar sua influência. Para participar da vida social, o homem precisa estar de pé, vivo, alimentado, abrigado. Precisa estar em condições de responder pelo seus atos para poder fazer história.³

Sobre a carência afetiva, esta é a mais difícil de ser identificada, já que sua apreensão está diretamente vinculada a um contato pessoal mais significativo com o aluno. Ou, dito de outra forma, a um relacionamento que ultrapassa os limites da simples apresentação pessoal e rumo para questões

2. A não ser o próprio indicativo salarial.

3. Sobre esta questão escreve Marx: "... o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder 'fazer história'. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental a toda história..." K. Marx e F. Engels, *A Ideologia Alemã*, p. 39.

mais domésticas, que revolvem também as relações familiares, onde, possivelmente, está sua origem. Ao tentar explicar o que se passa na vida desses jovens, uma professora nos deu a seguinte definição:

"Ele quer ser adulto, mas sente falta de alguma coisa que ele não sabe o que é, que é a carência, que é o afeto... uma pessoa que se preocupa com ele."

A experiência de professores sensíveis a esta questão é valiosa. Alguns estão determinados em apontá-la como a principal dificuldade destes jovens:

*"A maioria deles não mora com o pai ou com a mãe. Ou é só com o pai, ou é só com a mãe. Nós temos aqui uma aluna que nunca viu a mãe. Que a mãe existe, mora aqui perto, mas é a avó que cria e não deixa ela se aproximar da mãe. Cada um tem uma historinha. **Nenhum** tem um lar **totalmente** estruturado."*⁴

O relato dessa professora pode parecer extremamente radical, mas se pudéssemos transcrever aqui parte dessas "historinhas", possivelmente teríamos opinião semelhante. São casos comoventes como o de um "menino" que, como ela mesmo disse, "tem desespero para conhecer o irmão gêmeo". Quando eles nasceram, os pais se separaram. E separaram também as crianças, como objeto de uma partilha.

Ainda que tenhamos exagerado na escolha dos relatos, a carência afetiva é uma agravante conhecida da Escola Noturna. Grande parte de seus "meninos" sofre deste mal. Alheia a esse conhecimento, pouco ela tem feito para amenizar esta dor. O próprio Serviço de Orientação Educacional, criado com esta finalidade, atende, prioritariamente, os do diurno. A discriminação entre os turnos escolares afeta o aluno nos mais diferentes setores da escola (biblioteca, pátio para Educação Física, presença da diretora, participação em eventos extra-curriculares). Ela contribui para agravar ainda mais as mazelas afetivas que ele traz de casa. De uma aluna, recém-transferida para o noturno, registramos:

"De manhã, a orientadora sentava com você. Podia ser um horário, dois, até cinco horários te escutando."

Ser escutado é o de que este aluno mais precisa. E para perceber isto não são necessárias investigações muito densas. A satisfação de ser ouvido está no rosto de cada um e nos "obrigados" ao final de nossos encontros, como se estivéssemos lhe fazendo um grande favor. Frases de agradecimentos, pedidos insistentes para que retornássemos outras vezes foram reveladores do quanto ele tem se sentido à margem de tudo o que se passa a sua volta,

4. Grifos nossos.

como um espectador que nunca é chamado a opinar. Ser escutado pode conter parte do remédio para a carência afetiva. Mais do que isto, pode guardar em si a possibilidade de uma participação efetiva na realidade. Ao se expor, através da fala, ele evidencia uma maneira própria de olhar o mundo a sua volta; provoca intervenções daqueles que o ouvem; cria motivos para o grupo refletir sobre sua experiência de vida.

Diretamente relacionada à possibilidade de se expressar, a carência participativa envolve o cotidiano desse grupo em proporções equivalente à material e à afetiva. Decidimos incluí-la nesta análise, a partir da própria intenção desta investigação, ou seja, a de aprender as possibilidades de o aluno do noturno intervir efetivamente na realidade social.

Em termos teóricos, carência participativa se identifica com a incapacidade de o homem se impor à realidade histórica e de fazer-se a razão primeira das transformações sociais. Presente no trabalho, na escola e em situações esporádicas de seu cotidiano, ela está, a nosso ver, vinculada à própria história de vida deste grupo. Em termos mais gerais, compõe o legado autoritário dos anos 60. Em termos da prática desta pesquisa, ela se apresenta mediante a falta de determinação de nosso investigado, ao se colocar como um mero espectador das decisões tomadas a sua volta. Uma aluna, que aos 14 anos cursa a 8ª série, escreveu-nos:

"... o nosso Brasil não tem mais jeito de consertar. Com esse povo ignorante que não luta pelos seus direitos, e ainda por cima são desunidos uns com os outros."

A sociedade brasileira está carente de participação. À exceção de uns poucos grupos militantes, podemos, a grosso modo, nos atribuir essa ausência. Não esperamos desse jovem a redenção dessa situação. A sua recusa em falar de política, a apatia em relação aos planos do governo, a desesperança em relação à possibilidade de mudanças significativas podem compor um quadro representativo dessa carência. Optamos, contudo, por encarar o tema a partir da auto-reflexão, ou seja, do modo como ele vê sua própria atuação frente a esta realidade.

Colocados à parte os chavões ideológicos como o do aluno que afirma: "brasileiro é acomodado", a crítica que o grupo faz a si mesmo é severa. Da fala de um deles é possível apreender sinais desta severidade:

"... existem várias coisas pra manobrar o jovem. Final de semana, no sábado, o jovem tem hoje uma danceteria, boate... Chega lá e vai escutar uma música internacional, Michael Jackson... E isto faz com que ele viva e comece a gostar desta música. Fecha dentro daquela música. Então o jovem começa a se alienar mesmo. É isso que o governo quer, é manobrar o jovem. É música ali, um futebol aqui e esqueça que ele tem uma vida que não está sendo boa."

Este discurso evidencia uma visão suficientemente crítica a ponto de perceber que existe um conjunto de situações armadas para manobrar o jovem.⁵ Concebe a alienação como um resultado desse preparo e se refere ao governo como um organismo de atuação totalmente contrária ao esclarecimento dos governados.⁶

Nesta investigação, as evidências não são suficientemente significativas a ponto de nos apresentar um quadro revelador da capacidade de participação desses jovens. As poucas situações apreendidas não foram representativas o bastante para reverter o estado de carência em que eles se encontram e que pouco distoa dos demais segmentos sociais. Pensamos que o importante é especular sobre as possibilidades que se vislumbram a este grupo em direção à conquista de um espaço necessário à participação. Eles não serão jovens eternamente e, do mundo adulto, já ocupam boa parte. Se o enfrentamento deste mundo ainda se encontra retraído, precisamos pensá-lo como uma possibilidade. A auto-crítica já é um primeiro passo nesta direção. Tanto quanto de participação, carecemos desta esperança.

Sobre participação, caberia, neste estudo, um item sobre as lideranças estudantis do período noturno. Como deixamos claro, elas não são muitas, mas de atuação significativa para merecer aqui um espaço.

A referência à liderança estudantil está diretamente relacionada à formação de comissões pró-grêmios. Em três das escolas que investigamos, a participação dessas comissões se evidenciou através do contato com seus líderes. Investigá-los especificamente não foi nosso objetivo primeiro, por isso os encontros aconteceram aleatoriamente, sem que saíssemos em sua direção. Num deles, pudemos conversar com Madalena, 18 anos, aluna da 8ª série e que batalha para criar um grêmio em sua escola. A atuação desta aluna merece destaque pelo próprio movimento que ela é capaz de desencadear em outras escolas.

Criar a comissão pró-grêmio não nasceu de decisão exclusiva de Madalena ou do grupo de alunos dessa escola. Em suas palavras, a idéia teve origem nos encontros de adolescentes, promovidos pela igreja do bairro:

5. Convém recorrer aqui ao debate proposto por Gramsci sobre a concepção de ideologia. O filósofo afirma: "... é preciso distinguir entre ideologias historicamente orgânicas, ou seja, que são necessárias a uma certa estrutura, e ideologias arbitrárias, racionalísticas 'desejadas'". In: C. N. Coutinho. *Gramsci*. p.229.

6. "Para a filosofia da práxis, as ideologias não são totalmente arbitrárias; são fatos históricos reais, que é preciso combater e revelar em sua natureza de instrumento de animação, não por razões de moralidade, etc, mas precisamente por razões de luta política: para tornar os governados intelectualmente independentes, para destruir uma hegemonia e criar uma outra, como momento necessário da inversão da práxis." Idem, p. 231.

"Num desses encontros, o Bento, que é militante de Pastoral Operária (...) ele levou umas revistinhas que falavam de movimento estudantil, de grêmio. A gente não sabia disto. A partir disso, alguns continuaram essa discussão."

A influência da Pastoral, do militante, do partido político ou de organizações semelhantes é decisiva para a recriação dessas comissões. Até alguns meses atrás, a possibilidade de se desenvolver trabalhos desta natureza nas escolas era praticamente nula. Somente a partir de 21 de novembro de 1985, os grêmios foram legalizados por lei. Não é de se estranhar a ignorância dessa aluna e muito menos a necessidade da interferência externa à escola. Pensamos que esta interferência é válida até o limite da percepção do jovem para com a realidade que o cerca; deve ser cuidadosa para não ultrapassar os limites desta percepção e furtar-lhe a capacidade de pensar pela própria cabeça. O aluno precisa conhecer o passado. O período de silêncio foi grande e privou as escolas da experiência de muitos de seus líderes. Passar esta História para aqueles que querem reativar os movimentos atuais é tarefa nobre, mas que exige discernimento para encontrar seus limites, para deixar às lideranças de hoje a liberdade para formular suas próprias concepções.

A História do país é construída a cada momento; seus rumos dependem dos homens que a fazem, em seu tempo. Não deve ser vista como uma edição de acontecimentos vividos, para os quais um grupo de experientes militantes já tem prontas as respostas. Não se trata de deixar que os grêmios de hoje comecem do marco zero, mas possibilitar a seus membros elaborar sua própria estratégia de ação, de acordo com a História que está sendo experimentada por eles.

E a estratégia desses líderes que conhecemos, para ganhar adeptos ao movimento estudantil, deve ser trabalhada com "muita cautela", como nos falou um deles. É preciso saber como chegar ao colega para conseguir sua confiança e para que o movimento não se confunda com propaganda partidária, muitas vezes "oportunisticamente" utilizada. Sobre esta apropriação das manifestações estudantis por partidos políticos, é importante registrar aqui a opinião de Heitor, de 16 anos, aluno da 8ª série, que participa da comissão pró-grêmio de sua escola.

"Num ato público, por exemplo, eles colocam bandeiras de seus partidos, propaganda do presidenciável ao qual eles estão apoiando. Eu protesto e não admito isso de forma alguma. Eu creio que ali é um ato em que as pessoas estão expressando aquilo que estão vivendo e não um ato político-partidário. Eles aproveitam a luta estudantil para colocar a questão partidária."

Particularmente, acreditamos que a luta estudantil passa pela questão política, em seu sentido amplo. A insistência de Heitor em separar as duas

instâncias, desvinculando o movimento discente dos partidos políticos, é compreensível e reflete a incredibilidade de que estes últimos desfrutem na sociedade brasileira.⁷ Meros sustentáculos de projetos pessoais,

"... Jamais os partidos políticos estiveram tão descaracterizados como representantes da opinião pública ou segmentos sociais."⁸

Distantes de qualquer tentativa de tradução da vontade coletiva, não há motivação maior para confundi-los com essas manifestações estudantis.

E a Escola Noturna, como ela se vê, ante essas lideranças? Ameaçada! O aluno politizado pode ser o escolhido para representar a instituição em situações de interesses comuns: o indicado para participar de entrevistas (como pudemos experimentar), para falar em nome dos colegas, mas não deixa de significar uma ameaça ao poder estabelecido, justamente porque, entre outras, ele tem a consciência de um valor caro à direção da escola: o de que ela deve ser um bem comum e não propriedade de poucos. Esta consciência passa pela bandeira do ensino público e gratuito em um plano geral, mas se manifesta domesticamente mediante o confronto face a face com o corpo docente. Na fala de uma aluna de 8ª série, a representação desta consciência:

"Outro dia a professora de português entrou na sala e falou assim que ela podia mandar qualquer um embora da escola, que a escola era dela. Falou que a sala era dela. Claro que não é dela."

A divisão do espaço escolar é vista pelos professores como resultado de um trabalho maior, envolvendo a própria U.E.S.U. (União dos Estudantes Secundaristas de Uberlândia) enquanto entidade que guarda sua parcela de responsabilidade neste processo. Uma professora nos revelou:

"Eles sabem todos os direitos que o aluno tem. Isso é que deixa a gente preocupada."⁹ Eles acham de fazer o que quiserem. Esse pessoal está muito relacionado à U.E.S.U."

Na atuação destas lideranças, acreditamos, encontramos o embrião de futuros líderes políticos, capazes de desempenhar função "dirigente",

7. Este descrédito seria referendado pelo jornal "Folha de São Paulo", em artigo recente, ao conceituar: "Partido - Também quase não se usa mais, a não ser como instrumento legal para registrar a candidatura. Depois cada um se vira como pode." Campanha põe nas ruas um novo vocabulário, *Folha de São Paulo*, p. B-6.

8. M.L. Victor Barbosa. *O voto da pobreza e a pobreza do voto*, p. 74.

9. Grifos nossos.

"educativa", "intelectual"¹⁰, à medida que o seu relacionamento com os colegas está mediado por interesses comuns. Nascidos da necessidade de o grupo se impor socialmente, esses líderes estão encarregados de defender as reivindicações estudantis para a elaboração de uma nova concepção de mundo, que inclui as aspirações deste segmento social. Sua prática ultrapassa os rumos da escola em lutas de interesses abrangentes, como é o caso da educação pública e gratuita, e se faz fundamentalmente importante dentro do espaço escolar, num trabalho cotidiano de busca de novas lideranças e de conscientização de seus colegas que, enquanto homens, guardam a vocação histórica de transformar a realidade social.

1.2. Que acredita em um futuro melhor

As abordagens sociológicas sobre educação noturna, usualmente, reservam um espaço para discutir as expectativas em relação ao futuro.¹¹ Esta investigação não é diferente; a perspectiva de uma vida promissora está embutida na fala do aluno, ao se referir à escola. Contrariando as teorias reprodutivistas¹², referendadas por profissionais do ensino e até pelos próprios estudantes, não é utópico concluir que nosso investigado acredita na educação como um caminho viável para se alcançar uma vida melhor. Esta aspiração pode se concretizar através de um emprego "mais maneiro" de balconista, de bancário, de secretário. Ou se materializar mediante o vestibular, que acaba recebendo desse jovem uma interpretação alternativa, diferente daquela que é sua finalidade primeira, ou seja, ingressar em um curso superior.

O vestibular para estes alunos é um fetiche. Uma etapa de vida que só inteligências sobre-humanas têm capacidade de transpor. Exerce fascínio sobre eles ao mesmo tempo que é cobiçado quase que "naturalmente"; transforma-se em um enigma que desafia a capacidade de compreensão. Em suas falas, freqüentemente são feitas referências a "cursar o vestibular", como se este fosse a própria faculdade, uma confusão até certo ponto aceitável pelo

10. Referimo-nos aqui a Gramsci e ao "destacado papel que ele atribui aos intelectuais na formação e na construção do partido político. 'Todos os membros de um partido devem ser considerados como intelectuais', diz Gramsci; e isso não pelo nível de sua erudição, mas pela função que exerce no partido, 'que é dirigente e organizativa, ou seja, educativa, isto é, intelectual'". C. N. Coutinho, *Op. cit.* 122.

11. Silva e Nogueira abordam a questão através da prosa: "Eu por mim acho que educação é tudo na vida de uma pessoa. Quem estuda..." Silva e Nogueira, *Op. cit.* p. 13. Em C. P. de Carvalho estas expectativas aparecem como uma violência: "Há promessas de benefícios: 'estudar para ter um cargo maior na vida' ou 'estudando tem um futuro melhor' (...). Promessas que constituem outra forma de violência, invisível, que circula no interior das relações capitalistas, que são dadas aos trabalhadores, em geral, as condições para sua realização." C. P. de Carvalho, *Op. cit.* p. 90.

12. L. Althusser, P. Bourdieu e J. C. Passeron, C. Baudelot e P. Establet são autores que compartilham da teoria do sistema escolar enquanto instrumento reprodutor da sociedade de classe.

tempo que os separa do 3º grau¹³ e, principalmente, pela distância que existe entre ambos. O que faz com que toquem no assunto com pouca intimidade, como se referissem a um objetivo que, para ser alcançado, não depende apenas de sua vontade:

"Como é que um pobre vai entrar numa sala de vestibular se o salário dele não dá pra comprar um livro? E as aulas do vestibular? Muitas vezes é de manhã ou à tarde. Como é que vai ter dinheiro pra comprar livro? É muito difícil um pobre chegar a ser médico."

O fetiche culmina elegendo a medicina a mais cobiçada das profissões. Apesar das barreiras que eles mesmos são capazes de enumerar, como a impossibilidade de parar de trabalhar, o preço dos livros, a disponibilidade de tempo para estudar, a necessidade de um "padrinho" para facilitar os estudos..., ainda assim, muitos sonham em ser médicos. E, próximo a eles, sempre há um exemplo de alguém que fez deste sonho realidade: um vizinho, o conhecido de um amigo, uma prima:

"Nós, que estamos na 7ª série, ainda temos muito tempo pra prestar vestibular (...) trabalhar e todo mês guardar na caderneta, como minha prima fez. Ela formou pra médica..."

Da parte do professor, as expectativas não são muito diferentes. O ex-aluno graduado é citado pelo nome; um herói conhecido de todos. Uma professora nos contou, com lágrimas nos olhos, sobre um egresso aprovado em Zootecnia. Para ela, a Universidade é um caminho que tem início muito antes do próprio vestibular. Quando o aluno entra na faculdade, não entra sozinho, leva a família inteira como "suporte".

Mas não são as profissões liberais componentes exclusivas das aspirações destes jovens. Deixar de ser empregado, montar o próprio negócio é o sonho de muitos. E, para isso, não é possível dispensar a escola:

"Com estudo, a gente tem mais chance na vida, ser mais aceito na sociedade. Se tivesse parado na 4ª série, não seria a mesma coisa... Ter mais inteligência, saber mais coisas, conhecimento."

O aluno do noturno acredita na escola como a instituição capaz de lhe assegurar melhor posição no mercado de trabalho. Através dela, ele pode sonhar com um trabalho mais leve, com o vestibular, com o negócio próprio, com a medicina. Sabemos que caberia aqui uma longa discussão em torno do

13. Tomando-se a base média de idade dos alunos que responderam ao questionário, que é de 16 anos e considerando que 60,5% desses alunos se encontram cursando a 5ª e a 6ª séries, ainda faltariam no mínimo 6 anos para o exame de vestibular, isto sem considerar a possibilidade de reprovação nesse período.

papel ideológico da educação, concorrendo para um processo de dupla reprodução, ou seja, dos conteúdos culturais dominantes e da força de trabalho, o que garante ao sistema a sua continuidade. Esta, porém, não é a finalidade deste estudo. Acreditamos que longe está o dia em que a escola deixará de funcionar por falta de alunos. Por que não fazer uso também deste espaço valioso da Sociedade Civil, à revelia do controle pesado que o Estado mantém sobre a educação, a fim de garantir uma maior criticidade ao homem, dando-lhe armas para superar as contradições existentes entre o seu trabalho e o desenvolvimento intelectual que busca na educação?

1.3. E que é capaz de participar da vida da sociedade

Uma concepção cara ao conhecimento do aluno trabalhador tem ladeado nossas análises sem que a ela nos referíssemos explicitamente. A exclusão é proposital. O conceito de cidadania, usado freqüentemente em estudos acadêmicos, muitas vezes é apropriado por uma gama de leitores desavisados que dele fazem uso indiscriminado e passam a nomear de cidadão qualquer indivíduo deste país. Acreditamos que esta concepção merece uma compreensão bem mais fina, capaz de descartar a possibilidade de apresentarmos aqui uma "situação esvaziada de cidadania"¹⁴, atribuível a todo ser vivente. Numa sociedade como a nossa, que tem sua história marcada pela debilidade da Sociedade Civil, não esperamos encontrar cidadãos nos bancos da Escola Noturna. A contradição que envolve a vida desses jovens e nos apresenta ora um adulto, ora uma criança, pode nos respaldar nesta busca, mas não é este nosso propósito. De nosso investigado, estamos interessados em apreender as possibilidades que se vislumbram para a conquista de sua cidadania, e não, precipitadamente, denominá-los cidadãos. Daí a cautela na utilização do conceito.

Para conceber o cidadão, apoiamo-nos nas reflexões de Saviani, que afirma:

*"Ser cidadão significa ser sujeito de direito e deveres. Cidadão é, pois, aquele que está capacitado a **participar** da vida da cidade literalmente e, extensivamente, da sociedade."*¹⁵

Ser cidadão é, efetivamente, participar da realidade social, o que nos remete diretamente à face política do homem, tornando-se a premissa básica para o exercício da cidadania. Fica então a pergunta:

- O aluno da Escola Noturna, esse jovem que tão prematuramente enfrenta uma gama de situações, na sua maioria incompatíveis com seu

14. M.L.M. Covre (Org.). *A cidadania que não temos*. p.7.

15. D. Saviani. "Educação, cidadania e transição democrática", p. 73.

crescimento físico, com sua idade e com suas aspirações de vida, pode vir a ser um cidadão?

Acreditamos que, pela postura que procuramos manter em relação ao homem, em toda esta exposição, é impossível responder negativamente. O próprio momento histórico que estamos vivendo nos dá condições para proceder assim. Acrescente-se o fato de estarmos lidando com jovens estudantes que freqüentam regularmente uma escola, que mantêm contato permanente com a cultura letrada, que, bem ou mal, têm acesso à linguagem escrita. O mesmo Saviani, em que nos apoiamos para pensar o cidadão, aponta a educação escolar como "um instrumento básico para o exercício da cidadania", uma "condição indispensável" para que ela se constitua.¹⁶ E explica:

*"O exercício da cidadania nos mais diferentes organismos (sindicatos, partidos, etc.) não se dá de modo cabal sem o preenchimento do requisito de acesso à cultura letrada e do domínio do saber sistematizado que constituem a razão de ser da escola."*¹⁷

Não é pretensão esperar desses jovens, futuros cidadãos. A sociedade brasileira precisa desta esperança. A Escola Noturna, que, de modo geral, pouco tem contribuído para isto, é capaz de nos dar provas de suas possibilidades através das Marias da Graça, das Neusas e Vânicas, profissionais capazes de fazer da tarefa de ensinar muito mais do que uma mera repetição de manuais didáticos. Quanto ao aluno, não temos dúvidas de suas possibilidades. A sua experiência precoce com o lado crítico da realidade, marcado pela fome, pela carência, pela privação de momentos de liberdade, acena concretamente em direção a essa conquista.

1.4. Como ser histórico.

O mundo contemporâneo caracteriza-se por um alto grau de complexidade. As formas de luta da sociedade atual diferenciam-se em muito das levadas à frente no século passado, principalmente em função dos grupos existentes e dos interesses desses grupos. Em nosso país, os movimentos sociais assumem uma pluralidade de características que os distinguem e os distanciam politicamente. Nesta pesquisa, nossa disposição foi a de ver o aluno da escola Noturna de Uberlândia como ser histórico, produto das relações sociais, travadas no tempo e no espaço em que vive. A historicidade que envolve suas experiências cotidianas norteou nosso olhar para que dele não cobrássemos uma participação revolucionária radical, nos moldes dos anos vinte ou de qualquer outro momento. Ele é portador de um legado que

16. Ibidem, p. 76.

17. Ibidem, p. 76.

tem sua origem na própria história da sociedade brasileira que, como sabemos, ainda engatinha na conquista de seus direitos políticos. Como parte de um segmento isolado, não podemos reservar-lhe a responsabilidade de, instantaneamente, virar a mesa e reverter este quadro.

Acreditamos na capacidade desse jovem caminhar em direção à conquista de uma participação efetiva na realidade social. Para isso, ele não pode prescindir do apoio da Escola Noturna. Não que sejamos favoráveis a este tipo de escolarização, mas, se ele é parte integrante de seu cotidiano e se não pode ser extinto de pronto, deve ser repensado de forma a acompanhá-lo neste percurso.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, M. L. Victor. *O voto da pobreza e a pobreza do voto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor e Universidade Estadual de Londrina, 1988.

CARVALHO, C.P. *Ensino noturno: realidade e ilusão*. São Paulo, Cortez, 1984.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci*. Porto Alegre, L&PM, 1981.

COVRE, M.L.M.(Org.). *A cidadania que não temos*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque H. *Novo Dicionário*. 2 ed. Rio de Janeiro, 1986.

MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 6 ed. São Paulo, Ed. Moraes, 1989.

SAVIANI, D. Educação, cidadania e transição democrática. In: COVRE, M. L. (Org.). *A cidadania que não temos*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

SILVA, Tereza R.N. e NOGUEIRA, Madza Julita. *A escola pública e o desafio do curso noturno*. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1984.